

Um belo dia em Abril de 1977, a Maria Luísa telefona-me em tom entusiástico e sibilino. Tinha um convite a fazer-me, mas havia de ser presencial.

No almoço aprazado, dispara-nos à queima-roupa, dirigindo-se ao João Carlos:

– Estou a convidar a tua mulher para ir à URSS. Mas descansa que ela não vem de lá em picadinho...

Ou seja, a Associação Portugal - URSS, de cujos quadros dirigentes ela fazia parte, convidava-me para ir à Lituânia, e também à Letónia, para ser testemunha de umas festas religiosas que se tinham lugar em Vilnius, no fim de Junho.

A Maria Luísa escolhera-me por não haver dúvidas sobre a minha fé e prática, e também por eu representar, a seu ver, uma vivência da fé nem conservadora nem progressista, e poder, portanto, dar um testemunho livre e credível, sem preconceitos que o prejudicassem. Acentuei a independência de que não prescindia, e, de modo a assinalá-la paguei metade da viagem.

Fiquei eufórica, fizemos uma saúde, e em Junho parti para Moscovo com mais dois escolhidos para a dita missão: um padre de Castelo Branco, Joaquim Cabral, beirão típico, sólido, esperto que nem um alho e director de um semanário chamado *A Reconquista*; e a Rosarinho Rocha e Melo, uma mulher alta, distinta, grande fumadora, e que tinha sido colaboradora próxima do

---

<sup>1</sup> É professora catedrática da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, tendo-se consagrado regularmente à docência universitária, sobretudo no âmbito da Literatura Portuguesa Clássica, privilegiando em especial os estudos camonianos, para cuja renovação e aprofundamento tem contribuído decisivamente. Frequentou, em Paris, seminários da École Pratique des Hautes Études, tendo trabalhado sob a orientação de A. J. Greimas e Gérard Genette. Dirigiu a *Revista da Faculdade de Letras* entre 1986 e 1988. Membro de diversas associações culturais e outras organizações portuguesas e estrangeiras, designadamente do Conselho Geral da Comissão Nacional da UNESCO (1985-1988) e da Comissão Nacional da Língua Portuguesa (1989), proferiu inúmeras conferências, tanto em Portugal como em outros países da Europa e no Brasil, participou em múltiplas reuniões científicas e publicou ensaios nas revistas *Estudos Portugueses*, *Oceanos*, *Românica*, *Arquipélago*, *Brotéria* e nos *Arquivos do Centro Cultural Português*. Colaborou no *Dicionário de Literatura* (dirigido por Jacinto do Prado Coelho), no *Dicionário Biográfico Universal de Autores* e na *Biblos: Enciclopédia Verbo das Literaturas de Língua Portuguesa*. Em 1998, fez parte do júri do prémio da crítica da Associação Internacional dos Críticos Literários. É comendador da Ordem do Mérito e "Officier de l'Ordre National du Mérite" (França). Como investigadora e ensaísta, publicou várias obras, entre as quais se destacam *Camões - Este Meu Duro Génio de Vinganças* (2010); *Tópicos para a Leitura de Os Lusíadas* (2004); *Introdução aos estudos Literários* (2001); *A Vivência do Tempo em Fernando Pessoa e Outros Ensaios Pessoaanos* (1993) e *Ler e Escrever* (1987).

Padre Felicidade Alves, na paróquia de Belém, na ocasião em que se tinham dado os desagui-sados entre o P. Felicidade e o Cardeal Cerejeira. Fora um episódio que dera brado na Igreja portuguesa e fora dela. E deste modo estava reunida uma comissão de ortodoxia insofismável, e talvez até de sensibilidades um pouco diferentes.

Uma vez que o destino principal era a Lituânia, escrevi a Greimas, que fora meu orientador de tese em Paris, e era originário deste país: Quer alguma coisa? Fale com o meu amigo E. Skupas – respondeu-me ele. Tratava-se de um linguista que fora também seu discípulo e que naquele momento desempenhava as funções de vice-reitor da Universidade de Vilnius.

Chegámos a Moscovo ao fim da tarde e fomos recebidos no aeroporto por um russo grande, louro, Jonas Tolvaišas, que seria o presidente da delegação, acolitado por uma tradutora, Mafalda, que falava um português quase perfeito, com pronúncia brasileira.

Conduziram-nos num grande carro preto a um dos melhores hotéis, onde ficaríamos nessa noite, pois tomaríamos o avião para Vilnius na manhã seguinte, bem cedo.

O hotel Rússia, (era assim que pronunciavam) um hotel moderno, ficava na praça Vermelha, bordejada pelo Kremlin, que tem no seu âmbito a maravilhosa Catedral de S. Basílio.

Eu não cabia em mim de entusiasmo. Poder ver de perto a catedral maravilhosa, que nos parecia, aliás, muito pequena, na multiplicidade das suas torres, cada uma mais fantasiosa do que as outras ... tinha algo de conto de fadas. E o terrível Kremlin, as muralhas que, àquela hora, pareciam negras, com o túmulo de Lenine, impressionava.

Depois do jantar, decidimos dar uma volta a pé, uma vez que não teríamos outra oportunidade, e lá fomos apesar de a iluminação não ser das melhores, mas com um sentimento de segurança bem mais forte do que teríamos em Lisboa.

Demos a volta ao Kremlin, de modo a não nos perdermos, e fomos até ao rio. Reparávamos em tudo: lembro, por exemplo, mulheres de meia-idade varriam os parques, o que nos surpreendeu pela hora.

No hotel, lá estavam as guardiãs de piso, uma espécie de contínuas que davam conta de quem entrava e saía. Levantámo-nos de madrugada e tomámos iogurte que nos tinham deixado em garrafas de litro, a forma de pequeno-almoço que nos tinham improvisado de véspera. Ao chegarmos ao aeroporto, outros passageiros comiam uma espécie de peixe cozido, pouco apetível para os nossos hábitos matutinos.

Tínhamos direito a tratamento VIP. Passávamos à frente de toda a gente. E aquilo que para os soviéticos era normalíssimo, ou, quem sabe, uma forma de cortesia, funcionava para nós como um sinal contrário, prova da pouca consideração pelo cidadão comum.

A Lituânia pareceu-me uma Suíça sem montanhas, verdejante e com lagos. O tempo estava lindo, a cidade era muito agradável.

Mas, desde o pequeno-almoço até ao jantar, passávamos os dias enquadrados por uma delegação numerosa (chefe, tradutora, chauffeur, fotógrafo...) e com um programa cheio: visitas e passeios turísticos, museus, entrevistas com personalidades, festas populares, espectáculos, etc.

O Padre Joaquim Cabral escreveu depois, durante os meses de Julho e Agosto, uma série de crónicas em *A Reconquista* relatando a nossa viagem. É um guião precioso para me recordar episódios ou pormenores que se tenham esmaecido na memória.

Eu também tomava as minhas notas, nos colóquios a três, à noite, já no quarto de um de nós, para trocarmos impressões, tomarmos apontamentos e reflectir nos acontecimentos do dia.

Mas entretanto um enorme solavanco histórico nos separa dessa época: a queda do Muro de Berlim, e o desaparecimento da União Soviética, no final da década de 80 e princípios da de 90. E este acontecimento alterou radicalmente o curso da história.

Aquilo que no momento era uma ameaça e uma realidade mal conhecida deixou, em parte, de o ser. Leio nos artigos do Padre Joaquim Cabral toda uma série de preocupações com o desfazer do mito da liberdade nos países do Leste, uma avaliação de perdas e ganhos na comparação entre o estado totalitário e a democracia que era necessária no momento (fora ela o motor do convite para esta viagem, e era essa o testemunho que nos cumpria dar), mas que hoje a evolução histórica fez passar para um plano muito secundário.

Para mim, esta relato vale como testemunho histórico de uma época e pela curiosidade e exotismo que regiões distantes e mergulhadas numa cultura diferente da nossa suscitam. Foi uma pequena aventura inesperada que me foi dado viver, uma experiência preciosa da vida e das gentes.

Curiosamente, só estavam previstos dois encontros de carácter religioso: um com o deão de Kaunas, na Lituânia, outro com o deão de Riga, na Letónia. Era escasso, para quem tinha de testemunhar da liberdade religiosa... Então, decidimos, tínhamos de aproveitar o escasso tempo livre para fazermos a nossa própria pesquisa. Não tínhamos grande margem de manobra, uma vez que desconhecíamos completamente as línguas locais (russo, lituano, ou letão); e não dispúnhamos de divisas para transportes, pois só a muito custo conseguimos que, num hotel de Vilnius, a Mafalda fizesse abrir para nós uma agência de câmbio, e pudemos então trocar dólares por rublos, a um valor astronómico. A prática comum de trocar dinheiro no mercado

negro (com empregados de hotel ou mesmo na rua) estava-nos vedada dada a apertada vigi-  
lância sobre o nosso pequeno grupo.

Sendo assim, levantávamo-nos mais cedo, e antes do pequeno-almoço íamos visitar igrejas,  
por nossa conta. Aí a comunicação fazia-se, com certa facilidade: entre o latim do Padre Joa-  
quim Cabral, o nosso italiano, dele e meu, e o alemão que a Rosarinho falava bem, consegui-  
mos conversar com bastantes padres.

Acolhiam-nos com satisfação, depois de lhes explicarmos a missão em que estávamos empe-  
nhados, e ficavam muito satisfeitos com o nosso contacto: mostravam-nos as batinas, norma-  
líssimas, mas que consideravam óptimas, tendo em conta um passado de miséria e persegui-  
ção anterior, e ainda me lembro da expressão de um deles, dizendo-me a sorrir: "Abbiamo  
molti soldi!" Os fiéis eram generosos, como depois viemos a comprovar.

Interrogávamo-los, naturalmente, sobre a liberdade religiosa. Reflectiam, e globalmente acha-  
vam que sim, que tinham. Podiam dizer missa, celebrar sacramentos... Mas podem dar cate-  
cismo? Isso já não. O que se passava era que as famílias se encarregavam da instrução religio-  
sa, e eles depois examinavam-nos<sup>2</sup>, antes de fazerem a primeira comunhão, p. ex.

O baptismo? Bem, nem toda a gente baptizava os filhos, porque isso não era bem visto nos  
funcionários públicos. Mas os outros, se lhes trouxessem as crianças a baptizar, não havia pro-  
blema.

E sublinhavam sempre a liberdade dos funerais religiosos.

Regressávamos para o pequeno-almoço, uma refeição abundante de garfo e faca. E aí se trata-  
va do plano do dia, estabelecido pelos nossos acompanhantes. Aliás, o plano sofreu várias  
alterações e acrescentos: eu disse que gostava de conhecer o vice-reitor de Vilnius, o discípulo  
de Greimas, e foi feito um convite. O Padre Joaquim Cabral manifestou interesse em visitar-  
mos um *kolkhose*, e assim fizemos.

Porém, houve uma alteração mais complicada: no domingo, o programa não previa missa...  
Lembrámos que éramos católicos e que, nessa qualidade, iríamos a uma missa. Como há de  
ser? Como não? Ficaram perturbados. Nós sugerimos ir à igreja que tínhamos já visitado e  
onde, durante a semana, celebravam às 9 horas. Era questão de marcarmos o pequeno-  
almoço para mais tarde. Combinado.

---

<sup>2</sup> "Mesmo nos templos, os sacerdotes não podem juntar grupos de crianças e ensina-lhes o catecismo. Lógica de tal proibição: seria tal reunião considerada como uma aula e a Igreja não pode ter escolas, porque existe a separação entre a Igreja e o Estado e todas as escolas a este pertencem!", *A Reconquista*, 22-7-1977, p. 6.

Azar! No domingo não havia missa às 9! Começámos a ver as famílias endomingadas, com meninas de fatos brancos, e rapazes de calção e casaco escuro com um laço branco franjado na manga. Tal como antigamente entre nós, na comunhão solene. Pois era exactamente isso: o dia da 1ª comunhão. Parecia que regressávamos no tempo, às nossas festas de aldeias e paróquias.

Ao contar o sucedido, achámos que não havia problema. Arranjaríamos uma missa vespertina. Nova aflição. Estava convidado um académico para o jantar. Janta-se mais tarde, alvitramos. Conformaram-se e tomaram logo as medidas que implicavam a magna alteração.

Foi nesse dia que consegui cambiar dinheiro e obter rublos, o que nos permitiu tomar transportes públicos para assistir à missa numa igreja distante do hotel. Uma experiência inesquecível: a igreja estava cheia, a missa era dita em latim, o sacerdote celebrava de costas para os fiéis, que não participavam no diálogo do rito, absorvidos nas devoções particulares, com livrinhos antigos como os das nossas avós. De novo me senti transportada para dezenas de anos atrás, à prática da minha infância, pois ali não chegara qualquer das reformas do Concílio Vaticano II. Vim depois a saber que é isso que acontece nas comunidades perseguidas. Fecham-se sobre si mesmas, mantêm os ritos imutáveis, para consolidar a coesão do grupo.

Como conhecia bem o latim da missa, ia respondendo ao diálogo litúrgico, o que não deixou de despertar estranheza nas pessoas que estavam a meu lado. Fui também à comunhão, mais uma raridade. À saída, para tentar explicar o meu comportamento à senhora e à menina que estavam ao meu lado, tirei da carteira uma moeda portuguesa e dei-a à criança, que me olhou com grandes olhos espantados na carinha emoldurada por duas grandes tranças louras. Mostrei-lhe as letras do rebordo, e disse-lhe *Portugal*, "*Portugália*" (que era a forma como ouvia pronunciar o nome do nosso país). Já cá fora, com os meus amigos, a pequenita veio a correr ao meu encontro e trazia-me um "santinho", uma pagela com o rosto da Virgem. Sorri-lhe muito, fiz-lhe uma festinha e agradeci como pude, comovida com a delicadeza do gesto.

Porém, o aspecto que me impressionara mais, fora o peditório. Era feito por homens que traziam grandes bandejas, as quais rapidamente se enchiam de notas. Um padre jovem acompanhava-os com um saco onde guardavam o conteúdo das bandejas, para prosseguirem na recolha das ofertas. Sabendo eu que a nota de menor valor era a de um rublo, e as pouquíssimas centenas de rublos que ganhava o comum dos mortais (tinha feito a pergunta à Mafalda que me esclarecera com franqueza), dei-me conta da generosidade incrível daqueles fiéis. Não havia dúvida que queriam sustentar o seu clero, pois mais ninguém o faria.

Voltando atrás, a vivência dos católicos da Lituânia era completamente alheia à revolução trazida pelo concílio. Aos deões com quem falámos, perguntávamos se não tinham tido notícia dele. Claro que tinham. Aliás, diziam eles, os bispos deslocavam-se frequentemente às paróquias e traziam-lhes as notícias, que, por sua vez, os sacerdotes transmitiam aos fiéis.

Voltando aos contactos previstos com os deões, o primeiro, o de Kaunas, perto de Vilnius era um ancião reservado que nos recebeu com cerimónia. Preparava-me para tomar notas, mas ele fez sinal que não admitia apontamentos. A delegação nesse dia fora acrescentada por dois membros, uma senhora responsável do partido na localidade (o deão morava fora da cidade) e um chanceler, um clérigo muito sorridente que exibia dois incisivos de ouro, e o único que não usava batina, mas sim um fato preto com cabeção. Não nos inspirou a menor confiança e passou o tempo em conversa particular com Jonas, como se as relações entre ambos fossem muito cordiais.

Havia uma mesa magnífica posta com grande abundância, onde se distinguiam uns doces regionais em forma de estrela, que víramos na véspera num documentário. Aquele pormenor satisfez particularmente o chefe da nossa delegação, que pretendia daí extrapolar para a veracidade de tudo o mais. Comemos, e bebemos. Fizeram-se saúdes com bebidas fortes. À segunda, neguei-me a que me enchessem de novo o cálice pois, com duas ou três saúdes como aquela, ficava fora de combate. Estranharam, mas não se ofenderam. No programa estava previsto um almoço na localidade próxima. Mas perante a refeição tão abundante que tínhamos à nossa frente, sugerimos que era melhor suprimir o dito. Imediatamente a senhora do Partido se dirigiu ao telefone para comunicar a alteração, e fiquei a olhar para a sem-cerimónia como usava do telefone do deão sem sequer lhe pedir licença. Não falávamos a língua, mas pormenores significativos como estes entravam-nos pelos olhos dentro.

A conversa com o deão, não obstante a sua atitude defensiva, e os filtros da nossa comunicação, foi interessante, talvez mesmo por isso; confirmou-nos a "liberdade" religiosa de que nos tinham falado os sacerdotes das igrejas, nas visitas matutinas. Quanto à impressão de livros religiosos, confirmou que não havia, embora o Estado tivesse editado recentemente "livros para a Igreja". Sobre a discriminação dos crentes no acesso aos empregos: "apesar de uma ou outra resposta mais evasiva, que existe de facto discriminação, sobretudo em relação ao aparelho cultural e do ensino. Um crente, [...] não é admitido como professor de qualquer grau de ensino, nem em quaisquer das estruturas de influência cultural do Estado, apesar de se afirmar oficialmente o contrário, de acordo, aliás, com a igualdade de direitos cívicos consignada na

Constituição [...] Relativamente a outras profissões liberais, engenheiros, médicos, etc. parece não haver qualquer problema.<sup>3</sup>

Tinham vocações em número suficiente; admitiam os estudantes depois de concluído o ensino obrigatório (11º ano) e feito o serviço militar. "Têm, por ano, uma média de 30 candidatos e há uma grande perseverança até à ordenação. Quanto ao clero, parece não haver crise [...] nos últimos 10 anos, apenas dois sacerdotes terão abandonado o exercício do ministério."<sup>4</sup>

E as festas religiosas a que vínhamos assistir?

Quais festas? Perguntavam os nossos acompanhantes surpreendidos? Que soubessem não havia festas religiosas nenhuma. Iam realizar-se, isso sim, a festa da canção e da dança.

Estávamos no S. João. Percebemos tudo. Assim como os cristãos tinham cristianizado o solstício do verão, os soviéticos tinham transformado o S. João na festa da canção e da dança.

A Maria Luísa atirou-se ao ar quando lhe contei isto. Parece impossível! Então informam-nos de festas religiosas que afinal não existem?! Vão ter de me ouvir! Isto não é sério!

Deixa lá. Foi giro na mesma. Foi giro uma ova! Isto não se faz, que confusão foi esta?!

Bem. Em vez do S. João, fomos a uma parada num grande estádio, com desfiles dos Pioneiros e das organizações partidárias da juventude, qual a velha Mocidade Portuguesa, desfiles bem alinhadas, quadros alegóricos celebrando os 60 anos da revolução de Outubro, e nós repimpados no camarote dos VIPs, à mistura com tudo quanto era gente importante, acompanhados dos filhos – que ostentavam as suas *jeans* do último modelo ocidental (que o pai ou um amigo lhes trouxera da última viagem a Paris ou a Londres) – entediados por terem de assistir àquela seca.

Pelo contrário, eu mantinha a minha euforia. Tirava fotografias e divertia-me vendo-me a participar em festejos duma estética proveniente dos triunfalismos fascistas, conservada em formol, que em Portugal se contemplam, como velharias, na televisão. Não era burlesco?

Os dias em Vilnius foram animados; de entre as visitas que constavam do programa, uma das mais curiosas foi a que fizemos ao Reitor da Universidade. Recebeu-nos no gabinete, e respondeu pacientemente às nossas perguntas. Falávamos das greves académicas, da irreverência dos estudantes, de Maio de 68 em França. Ele, orgulhoso: nada disso se passava ali!

Inquirimos sobre as condições de vida dos estudantes; tinham bolsas de estudo, moravam em residências universitárias, e comiam nas cantinas, pois a maioria vinha de fora da cidade.

---

<sup>3</sup> *Ibidem*, p. 6.

<sup>4</sup> *Ibidem*.

Voltando aos estudantes, à sua participação em órgãos de gestão da universidade, e à rebeldia própria dos jovens, o reitor, já um bocado enfadado, respondeu-nos a fechar: "Nós temos um ditado: quem paga é que manda dançar!" Ora toma lá, que é para aprenderes. Mentalmente, desejei que esse ditado fosse inscrito nas paredes da Faculdade de Letras, para nosso sossego...

No mesmo, ou noutro dia próximo, apresentaram-nos uns jornalistas. A conversa teve lugar durante um passeio, na rua, de modo muito informal, que não permitia aprofundamento de questões. Um dos jornalistas fora referido como "satírico", ou "humorista", qualquer coisa assim. A tradução implica sempre dificuldades. Falámos de coisas vagas: a importância dos jornais, da TV, dos *media*; aí, o dito humorista teve uma observação particularmente interessante: na sua opinião, a opinião publicada era cada vez menos relevante, e adquiria importância a comunicação interpessoal. De modo astucioso, ele dizia-nos alguma coisa que tinha de saltar por cima da compreensão e da tradução da Mafalda, tal como da vigilância de Jonas: a invalidade da imprensa escrita e de outras formas de comunicação social, dados os constrangimentos a que era submetida. E ficávamos a saber que havia redes de informação subreptícias, alternativas e de transmissão "interpessoal" com muito maior valor para eles. Apesar das cautelas a mensagem passou, sob os sorrisos de cortesia, e sem que os nossos acompanhantes suspeitassem. Uma preciosidade de subtileza inolvidável.

Ainda em Vilnius, jantámos com o jovem discípulo e amigo de Greimas, E. Skupas.

A delegação que nos acompanhava tinha-o convidado e ele acedera de boa vontade vir jantar connosco. Em geral as refeições eram tomadas em bons restaurantes, mas naquele dia os nossos "mentores" esmeraram-se. Era um restaurante chique, muito à moda ocidental, com mesas ovais, compridas, onde os clientes se sentavam dum só lado, num sofá arredondado, adaptado à forma da mesa. Creio que havia música e pista de dança.

Sem qualquer premeditação, a disposição dos lugares calhou ser a mais conveniente: dum lado, Jonas, Mafalda e os meus dois colegas; em seguida eu e o Skupas, ou seja, completamente afastados dos nossos controladores. Falávamos em francês sem intermediário, o que nos permitiu uma comunicação franca.

Esta situação encanitou o Jonas quando nos viu a conversar e a rir animadamente. Várias vezes quis saber por que motivo ríamos.

Falámos sem constrangimentos. Ele confessou-se católico, mas não praticava por razões políticas.



Como vice-reitor, tinha de se dedicar à administração, o que o afastava do trabalho científico; mas era importante que o poder na universidade não fosse exclusivamente detido por gente do Partido.

Sobre a vida dos estudantes: as bolsas eram exíguas; os que viviam melhor eram filhos dos trabalhadores dos *kolkhoses*, uma vez que os pais lhes traziam comida (batatas e outros géneros) que eles armazenavam debaixo da cama e podiam assim reforçar com um suplemento as refeições das cantinas. (Pus-me a pensar o que diriam os nossos contestatários, cujos carros enchiam os arredores das faculdades, se lhes sugeríssemos uma solução nestes termos...)

Através do meu colega, e igualmente pelas respostas da Mafalda, percebemos que os filhos dos *kolkhasianos* eram jovens privilegiados: podiam mais facilmente comprar casa ou um automóvel. O quarto de hectare daqueles camponeses fazia maravilhas que se traduziam num nível de vida apreciavelmente superior ao da maioria.

Foi um convívio agradabilíssimo. A nossa relação com Greimas e o afecto que tínhamos por ele criaram desde o início uma relação amistosa entre nós; Greimas não era só o mestre que admirávamos e de quem inevitavelmente se ficava amigo, mas também o homem que tinha escapado ao regime soviético por uma unha negra, e cujos pais tinha morrido no *goulag*.

Poucos anos depois, por ocasião de uma homenagem que lhe promovi, aqui em Lisboa, contei-lhe esta conversa e falei-lhe da viagem em geral. Na minha palermice, observei-lhe: Não havia microfones, nos quartos dos hotéis. Procurámos e nunca os vimos. Ele deu uma gargalhada: Queria ver, não?

De facto foi uma conversa deliciosa e lamento imenso não ter ficado com o endereço de Skupas, pois teria sido uma ocasião única trocar correspondência com ele. Já tenho procurado na *internet*, mas os resultados são escassos e duvidosos e, apesar de não usarem caracteres cirílicos, não domino minimamente o lituano.

Lembro-me ainda que Jonas estava em pulgas, por nos ver comunicar bem dispostos sem poder ter o menor controle. Dava piadas, e procurava meter conversa, mas não havia volta a dar. A sorte tinha-nos juntado, dois francófonos na ponta da mesa: coisa imperdoável e sem remédio!...

Riga

Em Riga, as coisas mudaram muito. Antes de mais não havia delegação para nos integrar. Apenas Inês, uma jovem responsável pelo nosso acompanhamento, e sem necessidade de tradutora, pois falava francês.

Os programas eram muito menos preenchidos, e quanto mais depressa nos deixasse, tanto melhor para ela que ia à sua vida. Chegou a fazer-se substituir por uma amiga numa noite de ópera onde tivemos direito a uma *Traviata* convencional mas muito agradável ("croce e delizia al cuore"...)

A entrevista com o deão de Riga foi muito diferente da que tivéramos em Kaunas. O deão, um jovem robusto e desconfiado, recebeu-nos com outro sacerdote na própria igreja, vazia. Propôs o Padre Joaquim Cabral que começássemos por uma oração em comum. Não o convenceu. Estava na retranca. Então fizemos perguntas sobre a prática religiosa. Confirmou o que soubéramos em Kaunas.

Transcrevo de *A Reconquista*<sup>5</sup>: "Tendo-o interrogado sobre a reacção dos cristãos ao caso de Mons. Lefèbvre, respondeu-me que de nada sobre o assunto ouvira falar. A outra pergunta: quais os teólogos actuais que os sacerdotes mais liam, depois de me obrigar a uma explicação (deu-me a impressão de não conceber a existência de teólogos nos dias de hoje), respondeu-me que liam os antigos, tendo citado Sto. Agostinho. Quanto aos documentos do Concílio, os fiéis não dispõem de qualquer edição, pelo que concluí."

Tenho também notas desta entrevista: D. Helder Câmara<sup>6</sup> era uma figura que não conhecia. Sobre a participação dos fiéis na vida pastoral, e na reflexão sobre os problemas eclesiais, respondeu que participavam muito: cantando. Um professor<sup>7</sup> pode frequentar a igreja? Achava que sim, mas não sabia ao certo, uma vez que não perguntava às pessoas quais eram as suas profissões. Havia reuniões para debater problemas da Igreja? Às vezes, os fiéis iam à sacristia; se o padre for solicitado, pode ir a casa de um paroquiano, ou ao hospital; além disso, vão sempre aos serviços fúnebres, aos cemitérios, aí sem restrições. Os padres trabalham?<sup>8</sup> Não; estão muito ocupados com o serviço do culto. Mas um dos padres tinha as mãos calosas e rudes dum trabalhador rural<sup>9</sup>.

<sup>5</sup> Joaquim Cabral, "8 Dias na União Soviética", *A Reconquista*, 15-7-1977, p. 6

<sup>6</sup> Bispo do Recife muito popular e, nessa altura uma referência mundial na Igreja.

<sup>7</sup> Esta pergunta tinha água no bico, pois o Prof. Skupas me tinha dito que a prática religiosa era interdita a todos os que intervissem na formação intelectual, professores, jornalistas, etc.

<sup>8</sup> Suponho que aqui houve um equívoco: Em Portugal era discutida a possibilidade de exercer outra profissão, cumulativamente com a função do sacerdócio. Julgo que os padres de Riga entendiam que os interrogávamos sobre o exercício efectivo do sacerdócio.

<sup>9</sup> A propósito, transcrevo aquilo que o Padre J. Cabral anotou: "Há mais dois bispos que não "trabalham" (...) e um terceiro que tendo sido ordenado sem o "agrément" do Governo... não exerce as suas funções episcopais. A questão das dioceses vacantes (sem bispo próprio) já se arrasta há muitos anos. Pelo menos num caso, passaram já 15 anos", *Ibidem*, 22-7-1977.

Perante insistência em questões como estas, o deão decidiu recolocar o problema: a veneração dos fiéis pela hierarquia faz com que se sintam felizes quando têm consigo uma pessoa importante da Igreja; vivem sobretudo o culto, a oração.

Replico: Têm sobretudo o sentido da transcendência. Aí surge um problema: Inês desconhece a palavra "transcendance", apesar de ser licenciada em literatura francesa. Digo: sentido do mistério. Os padres concordam.

Dispusemo-nos a responder, pela nossa parte, sobre Portugal, para não dar a ideia que se tratava de um interrogatório unilateral. Disseram-nos que estavam bem informados sobre a Igreja no Ocidente. Mesmo assim, queriam saber se era verdade que destruíamos os templos, monumentos antigos, para celebrar a missa. Desta vez fomos nós que não percebemos.

Muito tempo depois, ao contar por diversas vezes esta viagem e as peripécias por que passámos, ao lembrar as conversas com estes deões, pus-me a pensar que devemos ter caído como extra-terrestres na vida deles. O Padre Joaquim Cabral vestia-se à futrica. Fazíamos perguntas do arco-da-velha: o que pensava a Igreja da reforma agrária? Havia contestação às determinações da hierarquia? Liberdade religiosa?

Para uma Igreja que procurava apenas sobreviver, que saía de perseguições e da clandestinidade, a quem era dado um pouco de abertura e de meios, que raio de perguntas vínhamos nós fazer?

Seríamos malucos? Provocadores? Seríamos, de facto, católicos? E aquele padre vestido de cor, sem gravata, sequer, um blusão descontraído, seria de facto padre?

Suponho que, involuntariamente, já se vê, devemos ter sido agressivos e chocantes.

Foi nesta parte da estadia que visitámos o *kolkhose*, perto de Riga. Neste ponto, sirvo-me sobretudo do relato do Padre Joaquim Cabral<sup>10</sup>, a quem esta visita interessou sobremaneira, pois vivendo numa cidade de província, tinha contacto com camponeses, e sentia as carências existentes entre eles.

Fomos recebidos com extrema gentileza, as senhoras tiveram direito a beija-mão. Visitámos as instalações, vimos de perto as gaiolas onde criavam as chinchilas, ou visons (foi o aspecto que relembro com maior nitidez: comiam peixe e ali à volta as gaivotas voavam em bandos numerosos) e fizemos perguntas à vontade, que obtiveram resposta pronta. É aqui que me sirvo do artigo referido, pois não tinha tomado apontamentos. O *kolkhose* tinha 1.000 trabalhadores, e o leque salarial era amplo, indo de 80 a 500 e tal rublos. Curiosamente para nós, um tractorista

---

<sup>10</sup> *Ibidem*, "Entre o que se pensa e diz e a realidade...- A visita a um Kolkhose", 5 de Agosto de 1977, p. 1 e 8.

ganhava 500 rublos, enquanto um engenheiro agrónomo recebia de 180 a 200 rublos mensais. Uma outra visão da relação entre trabalho braçal e intelectual, e que não é desprovida de justiça...

Uma das coisas mais interessantes consistia na enorme produtividade das parcelas concedidas para a exploração particular dos trabalhadores: "um quarto de hectare de cultivo e meio hectare de terrenos de pastagens para os seus animais"<sup>11</sup>. Vendidos directamente, "fora dos circuitos estatais do mercado"<sup>12</sup>, os produtos aí cultivados eram uma importante fonte de abastecimento das cidades, e por isso nos diziam que os jovens mais abastados eram os filhos dos trabalhadores dos *kolkhoses*.

Para fazer uma noção do tipo de conforto que havia na direcção do *kolkhose*, pedi para ir ao "toilette". Levaram-me a um compartimento que me pareceu um armazém adaptado, onde havia água corrente, lavatório...mas sem sanita. Fiquei esclarecida. Na minha família isso dizia-se assim: "a charneca é grande!"<sup>13</sup>.

Ainda em Riga, visitámos um grande armazém. Por um lado, queríamos comprar umas lembranças. Depois, ver como era. Ficámos impressionados com a falta de artigos de qualidade. Peles? Apenas uns casacos de fazenda manhosos com umas barras pele artificial em baixo. Dos visons ou chinchilas que tínhamos observado no *kolkhose*, nem rasto.

Apesar disso, tudo era caríssimo; os ditos casacos, 125 rublos; um abafo com cinto de camurça, 180 rublos; uma camisa de homem (de nylon), cerca de 15 rublos; um chapéu-de-chuva, cerca de 100 rublos.

Na alimentação, esperava encontrar peixe fresco, visto que estávamos numa cidade à beira-mar. Nada disso. Apenas congelado, e com um aspecto amarelado que me repugnou. Seria um tipo de peixe desconhecido entre nós? Se tivesse de consumir, garanto que aquele eu não comprava.

De modo geral, na parte da alimentação, as prateleiras revelavam grande escassez. Preços: ovos, 1,5 rublos (uma dúzia? Uma dezena? A peso? Não me lembro). Frango, 2,80 rublos, o kg. Arroz: 0,80; *spaguetti*, 0,50. Preços muito caros, tendo em conta as remunerações que referi há pouco.

---

<sup>11</sup> *Ibidem*, p. 8.

<sup>12</sup> *Ibidem*.

<sup>13</sup> Expressão que ficou no léxico familiar desde que a minha mãe, ao pernoitar numa pensão em Albergaria dos Doze, perguntara onde era a casa de banho: ao que lhe fora respondido: "Ó minha senhora, a charneca é grande".

E apesar de ser assim, quando havia coisas a comprar, sempre filas. Já na Lituânia eu tinha metido o nariz num talho (à revelia de Jonas), curiosa pela fila que se formava à porta.

Voltando ao armazém de Riga: que comprar para trazer como recordações? Optámos por perfumes. A melhor marca, segundo Inês, estava esgotada há muito. Comprámos o que havia e trouxemos vários frascos cada um, tendo em conta os amigos e familiares que iriam querer ouvir os nossos relatos. A abundância despertou admiração nas pessoas que vinham depois de nós, e que, claro, fizeram fila; comentavam entre eles e só entendemos a palavra "kapitalismus".

Os funcionários não ligavam nenhuma aos clientes. No balcão dos perfumes, havia pelo menos dois. Mas só um atendia o público; o outro tratava de manter em ordem a fila. Ninguém se queixava. Esperavam pacientemente a sua vez.

Num dos últimos dias, com o programa já esgotado, na simpática cidade onde as ruas eram pavimentadas de madeira, Inês sugeriu que entrássemos numa igreja. Bem...o nosso interesse já não era por aí além, mas percebemos que lhe devia convir aproveitar o fim de tarde. Passo por aqui a buscar-vos daqui a uma hora, mais ou menos.

Tudo bem. Entrámos. Estava um padre no púlpito a falar. Não percebíamos nada. Sentámo-nos e olhámos em volta. Parecia tal qual como nas igrejas portuguesas, àquela hora. Pouca gente, idosas... nada de especial. Nos bancos havia uns livros. Aí, foi uma revelação: os livros eram constituídos por folhas com estâncias; sem dúvida cânticos para as celebrações. Mas as páginas impressionavam. Tratava-se de cópias de máquina, feitas a papel químico, muito esbatidas, como se fosse cada uma a quinta cópia; e estas, tão usadas, puídas e de pontas gastas que tinham sido coladas noutro papel que dava suporte às escritas. Como se fossem cópias de manuscritos preciosos... bastava ver aqueles documentos para se perceber que não havia fotocopiadoras, que as máquinas de escrever eram escassíssimas, que alguém com uma devoção de restaurador se dera ao trabalho de conservar aquelas pobres preciosidades, pois não havia outras.

Daí a pouco, a igreja começou a encher-se. Mas agora com gente que vinha sem dúvida do trabalho. Gente de todas as idades, muitos jovens. ajoelhavam-se e dispunham-se nos bancos; à espera de quê? Da missa, que começou de seguida. Espantou-nos uma frequência tão numerosa num dia de semana. Deduzi então que a pregação anterior fora uma espécie de catequese, na falta de documentos escritos para veicularem o que havia a dizer.

Quando chegou a hora que combináramos com Inês, viemos para o guarda-vento. Ela acabava de chegar e não escondeu o seu espanto: tanta gente na igreja? Não entendia. Mas sobretudo

estava chocada com uma coisa: reconhecera um colega seu da universidade, que era cineasta, na igreja! Procurei que ele não me visse, confessou.

Sem conseguirmos perceber tudo o que estava implícito naquela atitude, procurei disfarçar: Talvez tenha vindo fazer um documentário...Não, respondeu Inês. Ele "fez a cruz", ou seja, tinha-se persignado.

Nunca soubemos se Inês não quisera intimidar o colega ou se iria denunciar a sua prática religiosa. Mas penso que não; era do género de "viver e deixar viver"...

De volta a Moscovo, passámos por cima de um bairro inesquecível: os blocos de apartamentos desenhavam, vistos do ar, as letras que formavam em caracteres cirílicos, a bendita sigla URSS! Uma ideia original, para os urbanistas.

Em Moscovo, fomos principescamente instalados em quartos num outro hotel luxuoso, este mais antigo, coberto de pinturas murais e de decoração sumptuosa. Um requinte de amabilidade, pois não pernoitávamos, tomávamos o avião à noite.

Demos umas voltas pela cidade, pudemos admirar (ou não) o célebre estilo moscovita, do qual o Dr. Cintra me tinha dito tão mal, em termos estéticos: arranha-céus em réplica de Nova Iorque, mas muito pesadões dada a geometria com que tinha sido concebidos, e fomos também a uma loja para turistas, para comprar lembranças. Os preços eram astronómicos. Havia astracãs negros, mas de preços proibitivos.

Jantámos, ainda me lembro de que comemos um caviar delicioso (já tínhamos comido vários, sempre bons), e puseram-nos no aeroporto.

Assisti aí a uma cena assustadora. No controle das bagagens, um guarda desfazia literalmente a mala de um passageiro. O homem, pálido e calado, não esboçava o menor protesto. Arrancavam o forro da mala, os rebites que prendiam o material que dava consistência à bolsa. Tudo aquilo como se fosse um procedimento normal. O Padre Joaquim Cabral foi de opinião de que se devia tratar de droga. Provavelmente. Eram eficazes, benza-os Deus...

Mais tarde soubemos que o nosso voo estava atrasado. Apanhei um susto. Procurámos falar para Moscovo, uma vez que tínhamos os telefones do Jonas e da Mafalda. Nem pensar: as cabines não comunicavam com a cidade. Senti-me indefesa. Queria apanhar outro avião por outra rota, mas que nos trouxesse dali para fora. Impossível comunicar. Ninguém sabia nada nem nos davam a menor atenção.

Os outros passageiros eram portugueses, regressando de uma excursão. Todos "camaradas", já se vê. Não tínhamos nada em comum. Estavam eufóricos, tratavam-se familiarmente, tudo numa boa (que não era a nossa). Ainda falámos, mas também não sabiam de nada.

Esperámos horas, sem qualquer informação. Eu já temia um golpe de estado em Lisboa...

E por fim, o voo foi anunciado, e embarcámos, felizes e suspirando de alívio.

Em Lisboa, o Padre Joaquim Cabral seguiu logo para Castelo Branco, e eu falei com a Maria Luísa. Ia-lhe contando as reservas que tinha, mas, mesmo assim, eu comunicava-lhe uma tal euforia que ela achava que valia a pena fazer-se uma sessão pública para comunicarmos as nossas impressões.

Mas o seguro morreu de velho, e a direcção da associação Portugal-URSS resolveu pedir-nos uma reunião em *petit comité*. Numa noite, lá fomos a Rosarinho e eu, para ser "examinadas"... pelo padre Felicidade Alves, imagine-se! Eu, que não o conhecia, fiquei impressionada com a figura imponente, e pela palavra dominadora. Era a encarnação de um déspota iluminado.

Perguntas, respostas, ambas tínhamos conversado entre nós e decidido não dourar a pílula. No fim o P. Felicidade conclui, tonitruante:

– O que é que vocês estavam à espera?! Se elas fossem ortodoxas, tratava-se dum negócio entre elas e o Espírito Santo. Mas os católicos metem o nariz em tudo, acham que tudo tem a ver com a religião, vida privada e pública. É escusado. Elas nunca poderiam reconhecer que havia liberdade religiosa.

E assim terminou silenciosamente a nossa aventura insólita dos três católicos á procura da liberdade na União Soviética.

Lisboa, 5-11-2011

Maria Vitalina Leal de Mattos



A Praça Vermelha em Moscovo